



Leitura e escrita em sala de aula com base nas teorias dos gêneros de textos (GENERA 2)¹

1

Neires Maria Soldatelli Paviani*

Resumo: Este texto apresenta de forma sucinta a pesquisa *Leitura e escrita em sala de aula com base na teoria dos gêneros de textos* (GENERA 2), desenvolvida em parceria com a Prefeitura Municipal de Caxias do Sul/Secretaria Municipal de Educação (Smed), no período de agosto de 2006 a julho de 2009. Examina, com base nos estudos dos gêneros textuais, o desempenho de alunos em leitura e produção de textos em testes aplicados a alunos de 5ª série, de 16 escolas de Ensino Fundamental. Entre o pré- e o pós-teste, foram realizadas oficinas pedagógicas aos professores participantes do grupo de experimento. A pesquisa experimental trabalhou com a hipótese de que, qualificando os professores na recepção e produção de textos, por meio da inserção de gêneros textuais nas várias disciplinas do currículo, melhorará o seu desempenho como docentes e o dos alunos como aprendizes. Os resultados evidenciam que assessorar as atividades de professores, através de oficinas com subsídios das abordagens sociointeracionista e interdisciplinar, faz a diferença no desempenho dos alunos.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Gêneros textuais. Ensino Fundamental. Interdisciplinaridade.

Abstract: This article presents there search *Reading and Writing in the Classroom based on Text Genres Theory* (Genera 2), developed in partnership with the City hall of Caxias do Sul, through the Municipal Secretary of Education,

¹ Este texto é uma síntese parcial das análises e discussões dos resultados da pesquisa “*Leitura e Escrita em Sala de Aula com Base na Teoria dos Gêneros de Textos (Genera 2)*”, projeto interinstitucional Universidade de Caxias do Sul e Secretaria Municipal de Educação de Caxias do Sul, cuja equipe é composta pelos seguintes integrantes: Neires Maria Soldatelli Paviani (responsável), Niura Maria Fontana, Normelio Zanotto, Tânia Maris de Azevedo (UCS); Adriana Janete Zini, Carla Sasset Zanette, Flávia Melice Vergani Canalli, Lucien Beatriz Pellin De Bastiani, Neci Maria Gasperin (Smed) e as bolsistas, alunas do curso de Letras da UCS: Ana Denise da Rosa, Cristina Pellin De Bastiani, Eliana Baldissera, Fabiana Perotoni, Raquel Jeanine de Freitas Ramos, Rejane R. Charnewski. A pesquisa contou com o apoio de bolsas BIC/UCS e de bolsas da Smed, do Município de Caxias do Sul. A todos os componentes nossos agradecimentos pelas contribuições.
* Doutora, professora no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: npaviani@hotmail.com



into the period of august 2006 to July 2009. The investigation focuses on the reading and writing performance of 5th grade students of 16 Elementary Schools through test based on text genre studies. Between the application of the pre-test and the post-test, pedagogical workshops were given to the teachers of the experimental group. The experimental research worked with the hypothesis that qualifying teachers in the reception and production of the texts through the insertion of text genres in the several components of the curriculum would improve their performance as teachers and the performance of students as learners. Results show that assisting teachers' activities with sociointeractionist and interdisciplinary approaches makes a difference in students' performance.

Keywords: Reading. Writing. *Gender* textual. Basic education. Interdisciplinarity.

*A condição essencial para ensinar
alguma coisa é conhecê-la.*

(Platão, 111b)

1 Introdução

Atualmente, escola e professor, devido às transformações da sociedade, são alvos de estudo, em razão da responsabilidade do papel que desempenham na educação, nessa sociedade cada vez mais complexa e desafiadora. Temos, de um lado, a necessidade de nos comunicar interagindo socialmente, e a escola existe para isso, para exercer a função de educar, de formar cidadãos inseridos socialmente; e, de outro lado, temos as avaliações que, mesmo tendo um fim educativo, podem ser tomadas como formas de pressão em relação ao desempenho dos professores. Tanto um aspecto como o outro visam, prioritariamente, a mexer, na área da educação, com o *status quo* do ensino, ou seja, para quem está bem pode ser, no caso da avaliação, um estímulo a melhorar, a aperfeiçoar-se; mas, para quem não está bem, porque são negativos os resultados, é uma forma de perceber quão longe esses alunos estão do desejado pelo professor, que é poder tomar uma atitude. Com essa preocupação, o projeto de pesquisa *Leitura e Escrita em Sala de Aula com Base na Teoria dos Gêneros de Textos* (Genera 2) foi elaborado para atender a uma realidade de ensino, cuja avaliação externa (CESGRANRIO) detectou problemas de leitura e escrita em alunos de Ensino Fundamental com



desempenho abaixo da média. Foi pensando, então, em buscar, através do aprimoramento da prática pedagógica dos professores, uma forma de obter, como decorrência, o aprimoramento do desempenho dos alunos. Os dados relativos ao desempenho insuficiente dos alunos em leitura constitui o universo da pesquisa, que contou com a hipótese de que, qualificando os professores na recepção e produção de textos, melhorariam seu desempenho como docentes e, conseqüentemente, o dos alunos como aprendizes.

2 Apoio teórico

O estudo e o domínio de gêneros de textos são importantes para o bom desempenho comunicativo das pessoas nas interações sociais. A educação como um todo tem de prestar atenção para esse aspecto. Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), já há algum tempo, venham apontando o texto como unidade básica de ensino, percebe-se que há uma dificuldade de suas orientações chegarem às escolas. Igualmente isso ocorre com os estudos dos gêneros discursivos. Há tempo são objeto de pesquisas de estudiosos da linguagem, porém, em muitas situações de ensino, esses estudos sequer são de conhecimento dos professores. Pensando nessa realidade, esta pesquisa procurou analisar seus dados à luz dos estudos dos gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003; BRONCKART, 1999; ANTUNES, 2005), com base nos critérios de interdisciplinaridade (NEVES et al., 2000; SCHNEUWLY; DOLZ, 2004; MUSSALIM, 2004; PAVIANI, 2008; PCNs, 1998; GARCEZ, 2002), e da abordagem de ensino sociointeracionista (BAKHTIN, 2003), considerando que essas orientações são uma das formas de subsidiar os professores para um ensino mais eficaz no desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita dos alunos, no caso, do Ensino Fundamental.

Numa abordagem interdisciplinar, é necessário verificar como os alunos articulam os conteúdos recebidos. Isso é mais importante do que o professor fornecer-lhes grande quantidade de informações.

Essa dimensão, ao incluir interdisciplinaridade e contextualização, permitiu que as atenções se voltarem às habilidades e competências de compreensão leitora e de escrita a serem desenvolvidas no aluno em todas disciplinas do componente curricular do Ensino Fundamental. As habilidades ligadas ao “saber-fazer”, de modo geral, correspondem às



ações físicas e cognitivas que indicam capacidades adquiridas. As habilidades são, nessa perspectiva, saber: identificar variáveis; compreender fenômenos; relacionar informações; analisar situações-problema; sintetizar, julgar e abstrair conceitos. (PAVIANI, 2008).

Segundo Gusdorf (2006), o ensino, à base de especialização, deveria dar lugar a um “ensino aberto”, ou seja, todo o espírito de análise dever ser complementado pelo espírito de síntese, para “evidenciar as articulações do conjunto do conhecimento”. (p. 22). E, assim, o aluno, em vez de uma visão fragmentada, poderá ter uma visão mais unitária e geral do fenômeno que estuda.

E só o professor pode fazer isso, o aluno sozinho não tem condições de fazê-lo. Gusdorf (2006) entende que os “alunos só serão iniciados no campo unitário do saber, se seus professores tiverem tomado consciência disso antes deles”. (p. 22-23). Essa visão de interdisciplinaridade que reconhece o ser humano como “a razão do reagrupamento de todos os propósitos de investigação nos diversos domínios dos saberes” permite entender melhor a dimensão das práticas pedagógicas. O autor tenta esclarecer essa ideia quando argumenta que

a interdisciplinaridade corresponde a uma das estruturas mestras do espaço mental; ela patrocina a função de síntese reguladora da unidade do pensamento. Todos os indivíduos, mesmo os menos dotados, fazem interdisciplinaridade sem o saberem. Totalizam os seus conhecimentos de todas as categorias, e esta totalidade mais ou menos harmoniosa serve-lhes de princípio regulador na sua confrontação com o mundo. (GUSDORF, 2006, p. 14).

As competências referem-se ao conjunto das habilidades harmonicamente desenvolvidas, constituindo-se base das aptidões que marcam e habilitam um indivíduo a superar os desafios. Nessa perspectiva, Guedes e Souza (2000) argumentam que “ler e escrever” são tarefas da escola, questões para todas as áreas [História, Geografia, Ed. Física, Artes, Matemática, Ciências, Português, etc.], uma vez que são habilidades indispensáveis para a formação de um estudante, que é responsabilidade da escola.” (p. 15).

Segundo Diretrizes do MEC, as competências básicas são: domínio de linguagens; compreensão de fenômenos; construção de argumentações; solução de problemas; e elaboração de propostas.



E, conforme os PCNs, as competências não eliminam os conteúdos. Elas não se desenvolvem no vazio. Elas norteiam a seleção dos conteúdos, orientando o professor a que perceba que o que importa é a capacidade de lidar com as informações por meio da apropriação e da comunicação, além de sua produção ou reconstrução em forma de conhecimento, a fim de que elas sejam transpostas a situações novas de vida.

Portanto, segundo os PCNs (1998), o domínio da língua tem estreita relação com a plena participação social. O homem comunica-se e interage, defende suas posições, produz conhecimento por meio da linguagem. Nesse sentido, a escola tem a responsabilidade de garantir aos alunos o acesso às competências linguísticas necessárias para que eles possam, por meio da educação, da sua formação cultural, exercer o direito de cidadania. “São os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.” (BRITO; MATTOS; PISCIOTTA, 2000, p. 28).

No entanto, só recentemente, o ensino da língua passou a ter novas abordagens que visam mais à formação geral dos falantes e não só a linguística, como fora até há pouco tempo, tendo sido os elementos estruturais da língua foco desse ensino. Os textos, quando havia, tinham um fim didático de ensinar normas gramaticais. Hoje, a concepção de ensino da língua está centrada no discurso linguístico, ou seja, no texto, cujos enunciados veiculam discursos, como bem nos mostra Geraldí, que diz ser “no texto que a língua se revela em sua totalidade”. (1997, p. 135).

As novas concepções de ensino de língua requerem novas abordagens ou abordagens compatíveis a elas. No caso de a língua ser concebida como forma discursiva, o ensino precisa assumir um caráter de interação social que prevê possibilidades de usos da língua entre os sujeitos interagentes, com propósitos comunicativos.

Além de considerar os aspectos linguístico-textual-discursivos presentes no ato de ensinar uma língua, os professores não podem se esquecer de que os atos de ler e de escrever se inscrevem, de forma interdisciplinar, como modos de agir no mundo. Nessa perspectiva, a escola, como um todo, e, principalmente, o professor precisam ter presente que desenvolver habilidades de ler e de escrever em seus alunos são formas de permitir-lhes inserção social e integração com a realidade que os cerca.



Bakhtin (1992) é um dos autores que está na base da ideia de que as pessoas não se comunicam por palavras, nem por frases soltas, e sim por textos. A constatação de que pessoas se comunicam por meio de textos não é nova. Desde os antigos, a língua, por exemplo, usada nas *ágoras* dos gregos, na sua essência, foi assim concebida, porém, em cada momento histórico, foi tratada a partir dos diferentes modos de entender e de utilizar a língua. A teorização sobre a língua e sobre seus processos de utilização é que representa a novidade. Assim, a língua passou a ser entendida prioritariamente como um construto social em forma de texto, como unidade de comunicação e de interação social.

Bakhtin (1992) incluiu todos os tipos de manifestações linguísticas nos gêneros discursivos, com insistência no discurso oral e no diálogo. Hoje, esse autor e os demais que tratam dessa questão nos mostram que há uma heterogeneidade de gêneros do discurso (orais e escritos), entre os quais se incluem, indiferentemente, o diálogo cotidiano, o relato familiar, a carta, etc.

Mussalim, por exemplo, comenta que

há uma série de procedimentos exigidos de pessoas jovens e adultas em suas atividades diárias (por exemplo, profissionais, escolares e de lazer) relacionados ao exercício de habilidades lingüísticas, textuais, discursivas e comunicativas que somente podem ser desenvolvidos como práticas de linguagem se houver um trabalho sistemático que permita a reflexão sobre a linguagem articulada nos/pelos diferentes gêneros textuais aos quais os sujeitos têm acesso cotidianamente. (2004, p. 20).

Enfim, o repertório de gêneros textuais que circulam no meio social, é bastante diversificado. A tendência é de irem se processando novos gêneros, de acordo com as necessidades comunicativas das pessoas, e a escola precisa estar atenta a isso, acompanhar os usos da linguagem como atividades humanas.

3 Método

O método da pesquisa experimental contou com um grupo de experimento (GE) e um grupo de controle (GC), e com aplicação de *teste* (o mesmo para o pré- e o pós-teste) constituído de 21 questões,



abrangendo leitura e produção de vários gêneros de texto, distribuídas nas seções de pré-leitura, leitura descoberta e pós-leitura. Os gêneros que contemplaram habilidades de leitura foram *notícia* e *reportagem*, e os gêneros que contemplaram a produção foram *resumo escolar*, *dica* e *narrativa*. As questões se caracterizaram por ser algumas mais objetivas, e outras que visavam à compreensão leitora. O pré-teste foi aplicado a alunos de 5ª série do Ensino Fundamental, tanto para os do grupo de controle, quanto para os do grupo de experimento, com vistas a obter o grau de desempenho dos alunos em leitura e escrita no início do ano letivo de 2007, e o pós-teste, no fim do mesmo ano, para verificar a situação das condições de desempenho desses mesmos alunos. As escolas selecionadas pertencem à Rede Municipal de Ensino e foram escolhidas pela Smed por serem as que tiveram desempenho abaixo da média nas áreas: leitura, escrita e resolução de problemas matemáticos na avaliação feita pelo Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do RS (Saers) – 2005. O *corpus* da pesquisa é constituído por dados coletados desses testes aplicados aos alunos e por um questionário aplicado aos professores participantes do projeto. Após a aplicação do pré-teste, houve a realização de oficinas pedagógicas com os professores que compuseram o GE. É importante frisar que os professores participantes pertenciam a diferentes áreas do conhecimento, ou seja, as oficinas não se restringiram apenas aos profissionais de Língua Portuguesa, levando o comprometimento da questão textual às demais disciplinas da escola. Essas oficinas trabalharam com questões relacionadas aos gêneros discursivos e à ação pedagógica desses professores, com o propósito de aprimorar sua atuação em sala de aula e, conseqüentemente, desenvolver habilidades de leitura e de escrita nos alunos, no nível esperado e desejado para o seu grau de escolaridade.

O *questionário* foi aplicado a 75 professores da Rede Municipal de Ensino Fundamental, tanto para os do grupo de experimento como aos do grupo de controle, em março de 2007. As questões, divididas em seções, contemplaram aspectos da formação profissional, da infraestrutura da escola, das reuniões pedagógicas, do planejamento das aulas, da metodologia de trabalho adotada em sala de aula, do desenvolvimento das atividades de leitura e produção textual e da metodologia de avaliação.

As *oficinas pedagógicas* tiveram como objetivo oportunizar aos professores contato com a visão sociointeracionista e interdisciplinar do ensino, que visa ao desenvolvimento de habilidades de uso da linguagem,



na perspectiva dos gêneros discursivos. As orientações foram no sentido de que os professores participantes pusessem em prática esses princípios com os alunos, principalmente em atividades que visavam ao trabalho com gêneros de textos presentes no pré-teste.

A intervenção pedagógica prevista nessa pesquisa foi desenvolvida sob a forma de oficinas, com base nos estudos dos gêneros discursivos e na noção de interdisciplinaridade, oferecidas somente aos professores do grupo de experimento. Foram previstos 15 encontros, quinzenais, em dois horários, atingindo 41 professores do grupo de experimento.

As oficinas pedagógicas caracterizaram-se por enfatizar a leitura e a escrita como práticas de interação social e contemplaram os seguintes tópicos: a) a interdisciplinaridade; b) a base teórica e proposta dos PCNs; c) a noção de hipertexto; d) a produção textual contextualizada; e) os conceitos de leitura, escrita, gênero, texto e discurso; f) os critérios de análise textual; e g) a análise de uma constelação de gêneros, incluindo os gêneros contemplados no pré-teste.

A sistemática utilizada, como metodologia para a realização das oficinas, foi a ênfase em trabalhos em grupos formados por escola e/ou por áreas; de suporte teórico; de análise de gêneros; da produção de material didático-pedagógico com base nos estudos dos gêneros discursivos.

A validade da intervenção pedagógica, feita via oficinas aos professores do grupo de experimento, foi avaliada por meio do instrumento de pós-teste aplicado aos alunos desses professores e dos depoimentos dos participantes.

4 Discussão dos resultados

Os resultados da pesquisa ocorrem em três níveis: o dos testes, o do questionário e o das oficinas pedagógicas. Embora expostos em níveis, estão estreitamente relacionados entre si. No primeiro, temos os testes (pré- e pós-testes), cujos dados gerais de desempenho em leitura e escrita dos alunos de 5ª série do Ensino Fundamental mostram, pela análise comparativa dos resultados do pré-teste com os do pós-teste, que houve uma evolução significativa do desempenho dos alunos do grupo de experimento em relação ao desempenho dos alunos do grupo de controle. Além disso, esse resultado torna-se ainda mais significativo se



considerarmos que, no pré-teste, o desempenho dos alunos do grupo de controle nas questões de produção foi melhor (36,75%) em relação ao do grupo de experimento (33,75 %), como mostra a tabela 1.

Tabela 1 – Comparativo geral de desempenho de produção textual de alunos de 5ª série do Ensino Fundamental

Alunos	Pré-teste	Pós-teste	Média
Grupo de Controle	36,75%	43,40%	6,65%
Grupo de Experimento	33,75%	46,20%	12,45%

Fonte: Dados da pesquisa Genera 2, junho de 2009.

Por sua vez, a análise dos dados obtidos pelas respostas do **questionário** dos professores revela que há lacunas na formação desses, pelo menos no que tange à formação continuada, ou seja, os professores ainda se mantêm presos às orientações recebidas por ocasião de sua formação acadêmica. Os dados obtidos pelas respostas às questões acenam para problemas de toda ordem. Principalmente dificuldades resultantes da sobrecarga horária em sala de aula, restando-lhes pouco ou quase nenhum tempo para se dedicarem a estudos ou para programarem melhor suas atividades e de forma integrada. Percebe-se, além disso, uma preocupação acentuada com o ensino, ou melhor, com formas práticas de ensinar, e poucas são as atenções que se voltam à necessidade de obtenção de subsídios teóricos, que fundamentem as práticas pedagógicas, enfim que deem conta de novas abordagens de ensino, novos enfoques educativos.

A avaliação das **oficinas pedagógicas** pelos professores participantes mostra que eles começaram a entender que a leitura e a escrita são habilidades básicas para qualquer aprendizagem, e que, a partir de um texto, todo e qualquer conteúdo pode ser ensinado. Eles perceberam a importância dos PCNs e da utilização dos gêneros discursivos para abrir o campo de visão de seus alunos, capacitando-os a interagir mais eficazmente na sociedade.

Os dados revelam aspectos positivos. Os depoimentos e os relatos de intervenção pedagógica na sala de aula, a partir dos princípios



norteadores e das atividades propostas e realizadas nesse processo e do envolvimento dos alunos, são indicativos de que a intervenção das oficinas pedagógicas inspirou e promoveu mudanças.

As oficinas pedagógicas, como tudo que é novo, no início, geraram certa insegurança, porque se tratava de novos desafios que precisavam ser enfrentados. Pensar, por exemplo, uma modalidade de rever as práticas docentes, as abordagens teóricas, a questão das disciplinas sem fronteiras, a complexidade da organização social, as especializações não reduzindo questões do conhecimento a visões limitadas e distorcidas da realidade, tudo isso requer uma predisposição e certo grau de abertura de quem se põe, como meta, a avançar, buscando alternativas de ensino para situações de aprendizagem.

Essa tarefa não se restringiu aos professores (GE) que fizeram as oficinas. O envolvimento e as mudanças fizeram com que as instituições (escolas e Smed), como um todo, se empenhassem nesse processo, apoiando, dando condições de tempo e de espaço aos professores, para que as questões de ensino se desenvolvessem com eficácia.

Se inicialmente houve certa resistência da parte de alguns professores da Rede Municipal de Ensino, em acatar as orientações, isso se deveu a um conjunto de fatores. Porém as condições para se efetivar o diálogo com a possibilidade de exposição de dificuldades encontradas pelos professores, relativas à prática docente de cada um em particular e do grupo como um todo, fizeram com que houvesse uma mudança de postura também daqueles que inicialmente não estavam percebendo contribuições pedagógicas. Constatou-se um aumento gradativo de receptividade das atividades planejadas, quando essas tinham relação com a realidade vivida e quando houve uma integração maior entre os professores, tanto por área como por escola e, também, quando perceberam coerência entre a proposta de uma abordagem sociointeracionista de ensino e a própria planificação e orientação metodológica das oficinas.

Portanto, a fase de contextualização e definição dos propósitos das oficinas que consistiu, na primeira etapa, em momento de reflexão e tomada de consciência em relação à proposta de trabalho, partiu do conhecimento prévio e das experiências de cada professor em relação às habilidades de ler e de escrever dos seus alunos, na sua disciplina. Eles, por exemplo, passaram a ver esse fato como um compromisso de todas as áreas e uma responsabilidade da escola, não só do professor de



Português (NEVES et al., 2000). Reflexões feitas à luz de pressupostos teóricos e com base em estudos dos gêneros discursivos e dos PCNs, talvez, tenham provocado, inicialmente, uma reação às reflexões de ordem teórica, porque os professores participantes esperavam, por serem oficinas pedagógicas, envolver-se basicamente com atividades práticas, de preferência prontas para aplicação imediata.

Diante dessa dificuldade, a planificação das oficinas foi retomada e realizada conjuntamente com os participantes. Embora os objetivos e as metas já tivessem sido definidos, procurou-se atender às necessidades que foram surgindo, aos projetos de trabalhos nas escolas, a partir de situações-problema; alternativas de ação (estratégias) para problemas de ensino; construção de recursos e de material para trabalhar diferentes gêneros discursivos nas diferentes áreas e de forma integrada; e relato dos resultados obtidos. Essa estratégia permitiu um maior envolvimento dos professores, além de um maior interesse em relação ao que era tratado nas oficinas pedagógicas.

Reflexões sobre os aspectos trabalhados ocorreram durante a realização das oficinas. Processo, percursos e estratégias foram objetos de análise e de reflexão. Os resultados da relação teoria-prática se fizeram sentir, embora de forma lenta e gradativa, em cada oficina. Destacamos como importante que o processo e o produto sejam avaliados constantemente e não só na etapa final.

Os depoimentos dos professores, durante as oficinas pedagógicas e por ocasião do encerramento delas, nos levam a crer que houve resultados positivos e repercussões significativas. Dentre elas, podemos destacar a redescoberta de possibilidade: de novas abordagens de ensino; de execução de ensino integrado; de geração de ambiente de trabalho em equipe; de tratamento interdisciplinar dos conteúdos, partindo de situações reais e concretas; de desenvolvimento de atitudes críticas e científicas; de articulação entre teoria e prática; de conciliação da ênfase em atividades práticas de leitura e escrita com base na teoria dos gêneros discursivos; de transformações educacionais e sociais, a partir das transformações pedagógicas dos fenômenos estudados.



5 Considerações finais

Em linhas gerais, os resultados obtidos mostram-se positivos em relação, principalmente, às oficinas. Isso foi possível constatar por meio dos depoimentos feitos espontaneamente pelos participantes no decorrer delas e por ocasião do seu encerramento, os quais dizem: do desejo de continuidade das oficinas; da necessidade de expandir a experiência aos demais colegas; da necessidade de se criarem nas escolas melhores condições para a realização de trabalhos integrados; da necessidade de formação continuada, entre outros.

Os resultados obtidos pela análise dos dados levantados a partir das respostas às questões dos testes, comparando o pré-teste com o pós-teste dos alunos que compõem o GE e, paralelamente, estes com os dados dos testes que dão conta do desempenho dos alunos do GC, gerados pelo programa SPSS, evidenciam que

- as escolas do grupo de experimento e do grupo de controle apresentaram progressos entre o início do ano letivo (pré-teste) e o fim do ano letivo (pós-teste);
 - o grupo de experimento (que recebeu investimento pedagógico) obteve uma diferença significativa principalmente na produção textual em relação ao grupo de controle, no resultado geral no item adequação; e, no que tange ao desempenho em leitura, os dois grupos se equipararam;
 - os resultados revelaram dificuldades dos alunos no trabalho com diferentes gêneros discursivos e com questões mais complexas;
 - a produção de texto referente ao gênero *conto*, trabalhado desde os primeiros anos na escola, teve um índice alto de aprovação: tanto no de experimento como no de controle no pós-teste;
 - os resultados retratam o baixo percentual de adequação na produção de alguns gêneros, o que nos leva a conjecturar que a probabilidade de trabalhos voltados à produção de diferentes gêneros ainda é inexpressiva;
 - o pouco domínio de diferentes gêneros indica descuido com a formação dos alunos, uma vez que as capacidades de abstrair, sintetizar ordenar elementos são habilidades necessárias não apenas para a vida escolar, mas para uma interação efetiva com a sociedade;
- e



– os resultados das oficinas pedagógicas mostraram a necessidade de os professores aprofundarem questões teórico-pedagógicas relativas ao uso dos gêneros discursivos.

Destacamos como pontos altos dessa pesquisa, além da realização das oficinas pedagógicas, que nos permitiram visualizar resultados quase de imediato, muitos outros aspectos decorrentes dessas e que nos chamam a atenção, por exemplo, para os efeitos positivos que a abordagem interdisciplinar e sociointeracionista causou aos professores participantes que, ao trabalharem por meio de sequências didáticas explorando gêneros discursivos, perceberam a importância dessa prática pedagógica que, para Schneuwly e Dolz (2004, p. 81-97), significa “colocar os alunos em situações de comunicação que sejam o mais próximo possível de verdadeiras situações de comunicação”. E outro ponto positivo foi o fato de essa pesquisa estabelecer, naturalmente, um canal aberto para diálogo e troca de experiências entre professores-pesquisadores da universidade e professores que atuam na Rede Municipal de Ensino.

Creemos que a frase de Gusdorf ilustra bem a nossa compreensão sobre a importância de se fazer um trabalho de qualidade quando esse tem como meta melhorar a qualidade de vida daqueles que, direta ou indiretamente, fazem parte dele. Diz o autor: “Todo o sistema de educação tem por finalidade a edificação do homem. Trata-se de conduzir a criança e os adolescentes até à plena consciência da sua humanidade, a fim de os tornar capazes de fazer dela o melhor uso possível.” (2006, p. 21).



Referências

- ANTUNES, I. *Lutar com palavras*. São Paulo: Parábola, 2005.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: M. Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: M. Fontes, 1992.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: SEF, 1998.
- BRITO, E.; MATTOS, J.; PISCIOTTA, H. *PCNs de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula*. São Paulo: Arte & Ciência, 2000, Brasília: SEF, p. 11-28, 1998.
- BRONCKART, J-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.
- GARCEZ, Lucília H. do Carmo. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: M. Fontes, 2002.
- GERALDI, J. W. et al. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 1997.
- GUEDES, P. C.; SOUZA, J. M. Introdução: leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de Português. In: NEVES, I. C. B. et al. *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/Faculdade de Arquitetura, 2000. p. 13-18.
- GUSDORF, G. O gato que anda sozinho. In: POMBO, O.; GUIMARÃES, H. M.; LEVY, T. (Org.). *Interdisciplinaridade: antologia*. Porto: Campo das Letras, 2006. p. 13-36.
- MUSSALIM, Fernanda. *Linguagem: práticas de leitura e escrita*. São Paulo: Global, 2004. v. 1.
- NEVES, I. C. B. et al. *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/Faculdade de Arquitetura, 2000.
- PAVIANI, J. *Interdisciplinaridade: conceitos e distinções*. Caxias do Sul: Educ, 2008.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.